

A RECONSTRUÇÃO POÉTICA DO SER POR MEIO DA MEMÓRIA EM *BOITEMPO* DE  
CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

MAGALI BORGES\*

*De cacos, de buracos  
de hiatos, e de vácuos  
de elipses, psius  
faz-se, desfaz-se, faz-se uma incorpórea face  
resumo do existido.*

“(In) – Memória” – Carlos Drummond de Andrade

*Que carregamos as coisas,  
moldura de nossa vida,  
rígida cerca de arame,  
na mais anônima célula,  
e um chão, um riso, uma voz  
ressoam incessantemente  
em nossas fundas paredes.*

*Novas coisas sucedendo-se,  
iludem a nossa fome  
de primitivo alimento.  
As descobertas são máscaras  
do mais obscuro real,  
essa ferida alastrada  
na pele de nossas almas.*

“A ilusão do migrante” – Carlos Drummond de Andrade

A questão temporal é fundamental na obra de Carlos Drummond de Andrade. O resgate do tempo passado através da memória – poesia memorialística – faz-se presente, sobretudo, nos vinte últimos anos de sua produção literária (décadas de 60 a 80), na qual a memória poética assume um tom de registro de acontecimentos, pessoas, lugares.

---

\* Mestranda em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie.

Basicamente, três livros são compostos de poesia memorialística: *Boitempo* (1968), *Menino Antigo (Boitempo II – 1973)* e *Esquecer para lembrar (Boitempo III – 1979)*, embora a temática também apareça em outros de seus livros de poesia e na prosa.

Há uma diminuição da carga dramática que caracterizava Drummond até o final dos anos 50, obrigando o leitor a fazer também uma mudança de perspectiva.

A imagem do boi, que já aparecia em sua poesia antes dos anos 50 (como em “Um boi vê os homens” – *Claro Enigma*), representa o homem já cansado com a passagem do tempo, devagar, a ruminar como o próprio boi.

Num poema intitulado “Boitempo”, por exemplo, Drummond trabalha o contraste entre o dia e a noite, os ciclos de vida que se sucedem e se refletem no boi, assinalando a noção de movimento:

Entardece na roça  
de modo diferente.  
A sombra vem nos cascos,  
no mugido da vaca  
separada da cria  
(...)  
Amanhece na roça  
de modo diferente..

Referindo-se à noite, utiliza palavras que sugerem estaticidade: “estátua”, “escultura”, “sono”:

O gado é que anoitece  
e na luz que a vidraça  
da casa fazendeira derrama no curral  
surge multiplicada  
sua estátua de sal,  
escultura da noite.  
Os chifres delimitam  
O sono privativo...

Para falar do dia, recorre ao movimento do “esguicho” e à cor “azul” exprimindo a luminosidade da manhã através da brancura do leite:

A luz chega no leite,  
morno esguicho das tetas  
e o dia é um pasto azul  
que o gado reconquista.

O poeta cria a expressão “boitempo” reconhecendo a importância do gado na vida do campo; o termo é recorrente nas três obras acima mencionadas e percebe-se que o boi marca a passagem do tempo universal:

Os chifres delimitam  
o sono privativo  
de cada rês e tecem  
de curva em curva a ilha  
do sono universal.  
No gado é que dormimos  
E nele que acordamos.

Antonio Candido (1990), no ensaio “Poesia e ficção na autobiografia”, afirma que *Boitempo* e *Menino Antigo* compõem um tipo especial de memorialística, no qual: Drummond cria um menino por meio do qual vê e mostra aos outros em que medida ele é Andrade, porque Itabira é o país dos Andrades” (p. 56).

Resgatando a imagem de Itabira, sua cidade natal, o menino se perpetua e se faz antigo dentro do homem. Assim, a temática drummondiana pode ser contextualizada no universo do homem contemporâneo na medida em que narra a existência do eu-menino no mundo, proporcionando ao leitor uma visão particularizadora – mostrando o indivíduo e seus casos – e, ao mesmo tempo, uma visão generalizadora – na descrição de lugar unida à biografia de grupo, como é possível verificar no poema “Andrade no dicionário”:

Afinal  
que é Andrade? Andrade é árvore  
de folhas alternas flores pálidas  
hermafroditas  
de semente grande  
andrade é córrego é arroio é riacho  
igarapé ribeirão rio corredeira  
andrade é morro  
povoado  
ilha  
perdidos na geografia, no sangue

A tentativa de tornar a memória do eu-menino uma biografia do grupo aparece na descrição geográfica dada como resposta à pergunta “Afinal/ que é Andrade?” e na própria grafia do nome Andrade com letra minúscula, transformando o substantivo próprio em comum.

O poeta busca reintegrar sua essência pela memória, tendo na poesia/palavra escrita uma forma de reintegração. O poema torna-se assim um resumo do existido, a síntese

daquilo que permanece, imagens continuadas de permanência. Tudo o que estava aparentemente morto continua transitando em sua vida, latente em sua memória e presentificado em sua poesia, como se observa no poema “Três compoteiras” em que Drummond lembra-se da experiência do menino diante de três compoteiras de doces e, através da imagem acionada pela memória, torna presente o que já é ausente:

Quero três compoteiras  
de três cores distintas  
que sob o sol acendam  
Três fogueiras distintas

O poema é quase uma aula sobre a memorização na poesia, sobre a importância de lembrar experiências vividas que são únicas, particulares:

Outras quaisquer não servem  
a minha experiência.  
O sol é o sol de todos  
mas os cristais são únicos,  
se bato em cada cor  
uma pancada única.

Há um reforço do elemento da luz simbolizado pelo sol que ilumina a própria memória para lembrar as imagens vistas pelo menino e acionadas pelo homem já maduro. Drummond lembra o deslumbramento da visão luminosa do sol sobre as compoteiras:

Essas três compoteiras,  
revejo-as alinhadas  
tinindo retinindo  
e varadas de sol mesmo apagado o sol,  
mesmo sem compoteiras,  
mesmo sem mim a vê-las,  
na hora todo sol  
em que me fascinaram

Assim a conservação do ontem é a conservação da própria poesia que, como memória, restaura, repete, inventa e imagina a vida que foi.

No poema “Bota”, o poeta revive seus momentos de menino e se vê no “privilegio de filho” ao descalçar as botas do pai:

A bota agiganta  
seu portador cansado mas olímpico.  
Privilegio de filho  
é ser chamado a fazer força  
para descalçá-la, e a força é tanta  
que caio de costas com a bota nas mãos  
e rio, rio de me ver enlameado

O poder da memória é tão grande que possibilita ao poeta trazer as percepções do passado ao presente e, desta forma, re-viver, re-sentir através da poesia as experiências vividas.

Carlos Drummond faz de sua poesia uma forma de resistência à destruição, uma maneira de suportar a dolorosa passagem do tempo. A linguagem, se articulada poeticamente, pode salvar o homem da destruição total, pois com a memória o indivíduo pode aprisionar o tempo e libertar-se da morte. Escrever poesia é, então, uma maneira de derrotar o tempo. O passado, até o ponto em que é incorporado à memória, é igualmente dado e real como o presente o é. O poema “Antologia” traz esta reflexão:

Guardo na boca os sabores  
da gabirola e do jambo,  
cor e fragrância do mato,  
colhidos no pé. Distintos.  
Cada fruta, cada gosto  
no sentimento composto  
das frutas todas do mato  
que levo na minha boca  
tal qual me levasse o mato.

Na lembrança do sabor e da fragrância de cada fruta, há as memórias gustativa e olfativa reativando as imagens passadas para que o poeta possa re-sentir antigas percepções e, assim, fixar a essência do que passou re-experimentando sensações do prazer antigo diante do desconforto do tempo presente.

Este desconforto é nítido na obra de Drummond, bem como a preocupação com a perda das experiências passadas, aquilo que ele chama de “nosso primitivo alimento”. A humanidade empobrece na medida em que vai perdendo suas raízes e desaparecendo em meio a “equipamentos eletrônicos”. Esta é a triste realidade por ele constatada no poema “Documentário”:

No Hotel dos Viajantes se hospeda  
incógnito.  
Já não é ele, é um mais tarde  
sem direito de usar a semelhança.  
Não sai para rever, sai para ver  
o tempo futuro  
que secou as esponjeiras  
e ergueu pirâmides de ferro em pó  
onde uma serra, um clã, um menino  
literalmente desaparecem  
e surgem equipamentos eletrônicos.

Está filmando  
seu depois.  
O perfil da pedra  
sem eco.  
Os sobrados em linguagem.  
O pensamento descarnado.  
A nova humanidade deslizando  
isenta de raízes

É notável no poema a construção metafórica utilizada para melhor ilustrar a forma como o homem moderno torna-se cada vez mais “isento de raízes”. O “incógnito” homem/humanidade hospeda-se num hotel, ou seja, não está na casa que abriga a família e dá ao ser seu primeiro “alimento”; além disso, o hotel é “dos Viajantes”, daqueles que estão apenas de passagem.

O homem “incógnito” – metáfora da humanidade – quando sai do hotel não é “para rever” mas apenas “para ver o tempo futuro”, pois já não há experiências passadas significativas para serem revistas. Ele sai apenas para filmar “seu depois”, sua vida futura que, como uma “pedra sem eco”, não terá percepções e lembranças passadas. Sai para ver a humanidade incomunicável, carente de experiências transmitidas oralmente de geração para geração e metaforizadas nos “sobrados sem linguagem” / “pensamento descarnado”.

Enfim, o tempo presente traz o desconforto sentido pelo poeta ao verificar que a humanidade já não caminha, não anda sobre bases consideradas sólidas, apenas desliza por caminhos que desconhece, pois não tem mais “direito de usar a semelhança”, aquilo que poderia de alguma forma lhe parecer familiar.

Embora o objetivo desta análise seja compreender como o ser-poético se reconstrói através da memória em *Boitempo*, vale ressaltar que Drummond convive com esta preocupação em resgatar o passado como condição para a construção de uma identidade no presente até o fim de sua obra poética; seu último livro – *Farewell* – publicado postumamente em 1996, acentua ainda mais tal problemática.

O poema de abertura deste livro é intitulado “A casa do tempo perdido” e mantém evidente intertextualidade com a obra *Em busca do tempo perdido* de Marcel Proust.

Usando novamente o valor simbólico da casa, na qual estaria a possibilidade de um encontro com o tempo perdido ou mesmo com o tempo contínuo, o poeta trabalha a espacialização do tempo. Ao repetir constantemente o verbo *bater*, vai tematizando um grande vazio que domina o interior do casarão, atingindo uma carga dramática ao tentar

revisitar este passado perdido e verificar que já não é possível resgatá-lo, sentindo-se completamente só. O tempo perdido não existe, desintegrou-se no passado e, em seu lugar, restaram apenas o vazio e o abandono, uma dramática “sem saída” do presente. Eis o poema:

Bati no portão do tempo perdido, ninguém atendeu.  
Bati segunda vez e outra mais e mais outra.  
Resposta nenhuma.  
A casa do tempo perdido está coberta de hera  
pela metade: a outra metade são cinzas.  
  
Casa onde não mora ninguém, e eu batendo e chamando  
pela dor de chamar e não ser escutado.  
Simplesmente bater. O eco devolve  
minha ânsia de entreabrir esses paços gelados.  
A noite e o dia se confundem no esperar,  
no bater e bater.  
  
O tempo perdido certamente não existe.  
É o casarão vazio e abandonado.

#### REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Obras completas*. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979.
- BOSI, Ecléa. “Memória-sonho e memória-trabalho”. In: *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 2. ed. São Paulo: T.A. Queiroz – EDUSP, 1987, p. 5-29.
- CANDIDO, Antonio. “Poesia e ficção na autobiografia”. In: *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1990, p. 51-69.
- CHAVES, Rita. *Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Scipione, 1993. (Coleção Margens do texto).
- SANT’ANNA, Affonso Romano de. *Drummond: O gauche no tempo*. 4.ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.  
This page will not be added after purchasing Win2PDF.